

O ÁLBUM DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA: REPRESENTAÇÕES DOS ESPAÇOS DE LAZER

Profa. Ana Lúcia Fiorot de Souza*
E-mail: afiorot@ig.com.br

Introdução

No final do século XIX e início do XX era comum o poder público, ou mesmo a iniciativa privada, encomendar a confecção de álbuns com objetivo de enaltecer as melhorias urbanas e apresentar suas riquezas. Em Juiz de Fora não foi diferente, pois em 1915, Albino Esteves e foi um dos organizadores do *Álbum do Município de Juiz de Fora*, no qual também atuou como redator. Foi impresso na *Officina Do Estado de Minas*, composto por textos e imagens, todas reproduzidas pelo método da autotipia. Na cidade, essa publicação foi patrocinada por proventos da administração pública.¹

Ao contrário do que aconteceu em algumas cidades, não foi contratado um fotógrafo, em especial, para produzir as imagens para o referido *Álbum*. Foram utilizadas imagens de diversas origens como por exemplo, de acervos particulares ou ilustradores que registraram suas visões sobre Juiz de Fora e seus distritos.

Muitas vezes, as imagens impressas no *Álbum* analisado estão desconexas aos textos circundantes ou mesmo manipuladas para prender a atenção do leitor, visando minimizar os problemas urbanísticos e de saneamento apresentados em parte nesses textos. Apesar de recortarmos para o presente estudo apenas as imagens, referentes ao lazer, foi apresentado no decorrer de suas páginas, um total de 700, distribuídas em diversas temáticas.²

Em todas elas, a cidade foi apresentada como moderna, digna de ser divulgada. Os problemas de infra-estrutura foram minimizados, passando despercebidos por quem apenas folheava as suas páginas. Essa tendência em apresentar a cidade, via imprensa, como atrelada

* Bacharel e Licenciada em História pela UFJF. Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ). Professora designada pela Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, lecionando para o Ensino Médio na E.E. Emílio Ramos Pinto, em Leopoldina.

ao modelo de cidade moderna, é explorada em nossa dissertação de mestrado – *Metáfora de Modernidade: as imagens da cidade na imprensa de Juiz de Fora (c.1891-c.1922)*.³

Os *Álbuns* atuavam entre as produções imagéticas, criando e reforçando a memória visual, sobretudo, das cidades. Como destaca Arruda, “No Brasil, as cidades capitais e outras de porte médio não deixavam de ter os seus. Eles poderiam se originar de um projeto específico ou da reunião de fotografias feitas ao longo do tempo.”⁴

Para as imagens urbanas, há predomínio do enquadramento visual dos demais meios de comunicação, inovando apenas com um total de 151 imagens referentes às áreas rurais (plantação de café, terreiros para secagem do mesmo, pastos e gados diversos, fruticultura, mananciais de água como cachoeira, entre outros). Nas habitações rurais e dos distritos, é possível observar que algumas residências utilizaram também do estilo arquitetônico Neoclássico, seguindo características das construções urbanas.

Assim, a área rural e os distritos aparecem engajados numa economia baseada no cultivo do café. Há uma preocupação em apresentar os distritos e a área rural com escolas e templos (Igrejas) nas proximidades, atendendo a população mais próxima. A cidade foi apresentada como centro de cultura, através de suas instituições de ensino, com variadas opções de lazer (parques, cervejarias e teatros).

Assim, ao editar o *Álbum do Município de Juiz de Fora*, em 1915, Albino Esteves e Oscar Vidal Barbosa Lage⁵ pretendiam divulgar e “vender”, acima de tudo, a infra-estrutura e a imagem de cidade moderna, aberta a captar novos empreendimentos, principalmente, numa conjuntura política conturbada pela Primeira Grande Guerra Mundial.

Outra característica que nos chama a atenção ao analisar o *Álbum*, mesmo não sendo objeto privilegiado no presente trabalho, foi a utilização da denominada vista-parcial, que representa uma cidade com uma ocupação territorial considerável, que começava a extrapolar os acidentes geográficos. Essa imagem foi apresentada em um encarte triplo, mas tem como foco a rua Halfeld em toda sua extensão – rua de grande importância na área central da cidade.

Em cidades como Juiz de Fora e São Paulo, os excedentes da economia cafeeira passaram, de certo modo, a financiar a indústria nascente de bens de consumo.⁶ Essa colocação de GORENDER vem ao encontro das temáticas das imagens selecionadas para ornar o *Álbum* em estudo (imagens urbanas em consonância com as dos distritos e fazendas). Assim, PIRES, em "*Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930*" mostra-nos como se procedeu o surgimento e a reorganização de novas formas de trabalho que, após a Abolição, impulsionaram uma monetarização estimuladora da industrialização municipal.⁷

Assim, devemos considerar que o processo de modernização, na segunda metade do século XIX, se confunde com a urbanização. A fisionomia moderna da cidade foi estimulada pelos dividendos trazidos pelos fazendeiros cafeicultores e pelos comerciantes que fixaram residências nos locais nobres da cidade. Os operários, pequenos comerciantes e empregados do setor terciário, concentraram-se respectivamente nos bairros fabris ou nos redutos da classe média nas proximidades do centro da cidade.

As representações de espaços para o lazer

A inserção das imagens na imprensa possibilitou abordagens do cotidiano e construiu representações sociais da realidade local. Logo essas imagens refletiam no torneamento da memória histórica juizforana, o que despertou interesse pelo assunto.

Ao produzir os *Álbuns* não havia somente o objetivo de informar ao público (leitores ou apenas os que visualizavam as imagens) sobre a localidade em questão. Acima de tudo, visava educar os gostos e hábitos através do olhar, ou melhor, adaptar a sociedade ao projeto civilizatório da República.

As imagens referentes à temática proposta – espaços de lazer - somam um número de trinta e três. Nesse conjunto, foram apresentadas praças da cidade, com, vários enfoques do Parque Halfeld, situado na área central. Nos enquadramentos das imagens, predominou a

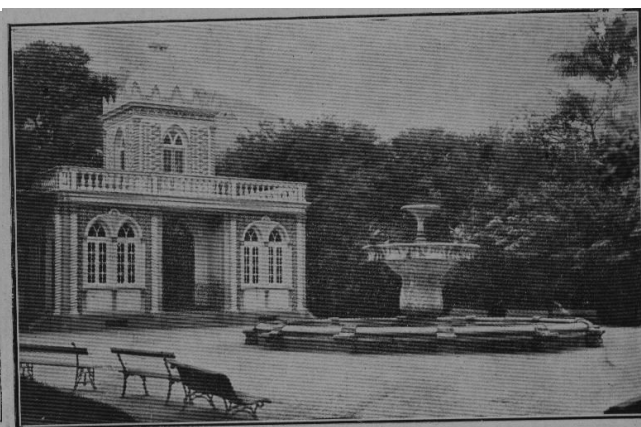
natureza "domada", com seus jardins e recantos planejados. Assim, observa-se um planejamento prévio da natureza que foi inserida no cotidiano da população local – ou ainda, indiretamente, a sociedade que cultivava o 'bom gosto'.

Como exemplo de enfoques sobre o Parque Halfeld, amplamente contemplado para divulgação, pode-se citar a biblioteca em estilo arquitetônico mourisco, com chafariz a sua frente; ao entorno, uma vegetação variada e bancos para descanso dos transeuntes. Há uma cabana situada submersa a um lago, com pequena queda d'água e uma passarela planejada para viabilizar o acesso. Mais uma vez, é possível observar a natureza moldada pelo paisagismo. Observa-se que o fotógrafo teve o cuidado de focar o objeto a ser representado, com enquadramento que possibilita ao leitor "imaginar" a dimensão do espaço e mesmo, a perceber que aquele enfoque é apenas um recorte espacial. Esse artifício foi muito utilizado e pode ser enquadrado no que LIMA E CARVALHO classificam de *padrão paisagístico*:⁸

Imagens que reúnem elementos da natureza, seja elas selvagem ou com intervenções do homem (como jardins, praças e parques). "(...) Não há expressão de atividade, predominando formas de equilíbrio estático – nivelamento, linha do horizonte, retângulo horizontal, unidade espacial(...)."Apresentam lagos como espelhos d'água fazendo o espelhamento de recursos das articulações dos planos, característicos do padrão.



Parque Halfeld — Cabana



Parque Halfeld — Bibliotheca Municipal

ESTEVEES, Albino. Álbum do Município de Juiz de Fora. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. p.164.

Dessa forma, mesmo com as imagens dos locais dedicados ao descanso e lazer, houve um enquadramento que visava representar os anseios de modernidade e civilização que, a cada publicação foi cada vez mais difundida. Buscava-se seduzir a sociedade com aspectos simbólicos que representavam a prosperidade local atreladas às transformações dos usos e costumes da sociedade juizforana.

A propagação dos espaços de lazer insere-se no projeto de modernização com a veiculação dos salões de festas, cafés, restaurantes, espaços públicos em que praças, jardins e bulevares estimulam o passeio.⁹ Acrescenta-se, no que se refere às imagens em estudo, a divulgação de cervejarias com parques anexos, visando atender a um público familiar.

Considerações finais

Ao final do presente artigo pode-se cogitar algumas conclusões sobre a veiculação das imagens da cidade, em especial, com referência aos espaços dedicados ao lazer. Ao organizar o *Álbum de Juiz de Fora*, Albino Esteves tinha noção de que as imagens podiam ser manipuladas, pois são imbuídas de força simbólica e, portanto, servem para legitimar funções e atuam de forma pedagógica na organização da vida de uma sociedade.

Nas representações da cidade selecionadas para ornar o Álbum, houve a predominância do ponto de vista das classes mais favorecidas. A cidade é um espaço partilhado por todos, mas foi preciso "selecionar" parcela desse cenário a ser estampado pela imprensa.

No conjunto do *Álbum*, fica explícito que os produtores das imagens e o seu organizador Albino Esteves visavam apresentar Juiz de Fora como moderna, marcada pelo progresso, dotada de infra-estrutura urbana, dinamismo e a civilização.

Portanto, coube a Albino Esteves organizar o que podemos considerar um dos primeiros artefatos de marketing da cidade, no limiar do século XX, pois ao produzir *Álbuns* havia o intuito de divulgar suas benfeitorias, infra-estrutura estabelecimentos de ensinos e de comércio entre

outros. Assim, ao atrair investimentos e negócios, intensificava-se, em Juiz de Fora, a circulação de idéias, e cultivava os ideais civilizatórios.

¹ Documentação disponível no Arquivo Histórico da Cidade de Juiz de Fora sobre o Álbum do Município de Juiz de Fora. FUNDO 188 sobre Resoluções da Câmara Municipal de Juiz de Fora (nº 697) datado de 18 de agosto de 1915, ao qual foi destinada uma verba específica mais sobras das demais verbas presentes no orçamento. Na documentação inserida no mesmo Fundo, no que se refere ao orçamento do Município, é discriminado para despesas com publicações de trabalhos o valor de 7:500\$000.

² Pretendemos analisar futuramente para o doutoramento os textos e as imagens reproduzidos nas edições do *Álbum de Bello Horizonte em 1911* com o *Álbum do Município de Juiz de Fora de 1915*. PONTES, Tito Livio; PINTO, Raymundo Alves (Org). **Álbum de Bello Horizonte**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1911. (Edição fac-similar). LAGE, Oscar Vidal Barbosa, ESTEVES, Albino (Org). *Album do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

³ Analisamos as imagens impressas nos almanaques, revistas, tablóides e jornais (amostragem). Concluímos que a os editores manipulavam os espaços dignos de ser mostrado ao pairar a idéia de que essa modernidade era partilhada por toda sociedade. SOUZA, Ana Lúcia Fiorot de. **Metáfora de Modernidade: as imagens da cidade na imprensa de Juiz de Fora: (c. 1891 - c.1922)**. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: PPHIS/UFRJ, 2005.

⁴ ARRUDA, Rogério Pereira de. "Algumas palavras antes da viagem pelo universo visual do Album de Bello Horizonte." In: ARRUDA, Rogério Pereira de (Org). **Álbum de Bello Horizonte**. (Edição Fac-similar com estudos críticos). Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.11.

⁵ Oscar Vidal Barbosa Lage ocupava o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Juiz de Fora.

⁶ GORENDER, Jacob. **A Burguesia Brasileira**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 43.

⁷ PIRES, Anderson J. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930**. (Dissertação de Mestrado), Niterói: UFF, 1993, p.13.

⁸ LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica de consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954)**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997. p. 92-94.

⁹ GONÇALVES, Denise. RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. LUSTOSA, Regina Esteves. "Cidade e representação: as imagens urbanas do fotógrafo André Bello como estruturadoras de um novo imaginário para a São João Del Rei do início do século XX. In: CONDURU, Roberto. PEREIRA, Sonia Gomes (org). **Anais do XXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**. Rio de Janeiro, 2004, p. 163.